



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

30 de Agosto de 1997 • Ano LIV — N.º 1395
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (065) 752265 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

SETÚBAL

O sentido elevado da missão assumida

UMA Obra de Rapazes para Rapazes pelos Rapazes é muito difícil de aguentar, sobretudo num meio e num tempo onde ninguém faz assim. E quando somos acusados por gente bem instalada de que este método e esta maneira de educar está ultrapassada? E quando estas

críticas e acusações chegam aos ouvidos dos rapazes mais fracos que preferem sempre mais serem servidos do que aprender a servir? As dificuldades crescem ainda mais devido à incapacidade da gente nova de discernir perante as facilidades apresentadas pelos teóricos de barriga cheia, e um processo novo mais exigente.

Em meados de Agosto, apesar de não termos férias, somos obrigados a organizar a vida para o próximo ano.

Na Casa do Gaiato o ano civil não tem qualquer influência na actividade. Tem, sim, muito peso o ano escolar. Para nós o ano começa com a escola e termina no fim das aulas.

Como os alcastruzes das noras, no meu tempo de menino, que elevavam a água até ao nível de despejar e depois voltavam vazios ao fundo do poço para se erguerem, de novo, cheios

— assim, os rapazes mais responsáveis numa Casa do Gaiato vão crescendo e amadurecendo nos seus cargos até chegarem ao tempo de os deixarem quando os ocupavam com um certo domínio e à vontade deixando-nos mais folgados.

Os alcastruzes desta nora não voltam a encher-se no mesmo poço nem a regar a mesma horta. Irão encher-se mais noutros abismos da própria vida para a irrigar abundantemente.

Terão de vir outros que se vêm elevando nas chefias de grupos de trabalho, limpeza, mesas, casas, salas de estudo, etc. Terão de nascer daí os novos chefes para o novo ano.

É sempre com o coração nas mãos e a tremer deveras que passamos as chefias de uns rapazes para os outros.

Assalta-nos o medo de que o joio abafe o trigo. Na seara imensa da nossa

Continua na página 3



Salão de festas da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

Não fiquemos de braços cruzados

O edifício novo da Escola está pronto. Não fizemos inauguração oficial com festa e autoridades que a hora oportuna não chegou. Mesas e cadeiras e secretárias foram executadas nas oficinas de carpintaria e serralharia da nossa Casa. Os rapazes ajudaram. Mais poderiam fazer se tivéssemos a mão do mestre para os acompanhar e conduzir na aprendizagem dessas artes. O ideal é que fosse um dos rapazes bem preparado profissionalmente a ensinar os seus irmãos mais novos. A Casa, porém, está no princípio. Passaram quatro anos e meio, desde o seu recomeço. Quem me dera encontrar um

mestre para fazer andar um grupo de rapazes na oficina! Gostava que fosse de cá. Mas é muito difícil.

Muitos artistas trocaram a sua profissão por outro modo de vida: a *candonga*. Este caminho marca de tal modo a sua personalidade que dificilmente se adaptam a um emprego estável. Outros montaram a sua oficina provisória, onde fazem biscates, bem mais rendíveis que um salário normal. Outros ainda, os que são bons, mantêm-se seguros pelos seus patrões nas empresas que estão a funcionar. É, na verdade, muito difícil encontrar o mestre que saiba e seja educador. Vou continuar a procurá-lo, pois estamos

numa hora em que podemos ter trabalho para pôr as oficinas a funcionar razoavelmente.

Com a nova Escola as crianças vão ter condições normais para estudar. Algumas turmas estavam muito mal instaladas. Continuamos a apoiar os filhos semi-abandonados que, doutro modo, não frequentariam as aulas. Quando não vêm à Escola, procuramos saber o que se passa junto da mãe, normalmente. O pai, geralmente, põe-se à margem da educação dos filhos. É a mãe que leva essa carga, quase sempre sozinha, na área social em que trabalhamos. Vejo-me verdadeiramente

Continua na página 3

Busto de Pai Américo no Teatro Sá da Bandeira

ALGUMAS pessoas nos vêm perguntando por donativos deixados no mealheiro anexo ao citado busto de Pai Américo; outras têm comunicado a degradação e insegurança em que tudo está. Temos respondido a quem nos contacta, mas põe-se-nos, de novo, a conveniência de um esclarecimento mais alargado.

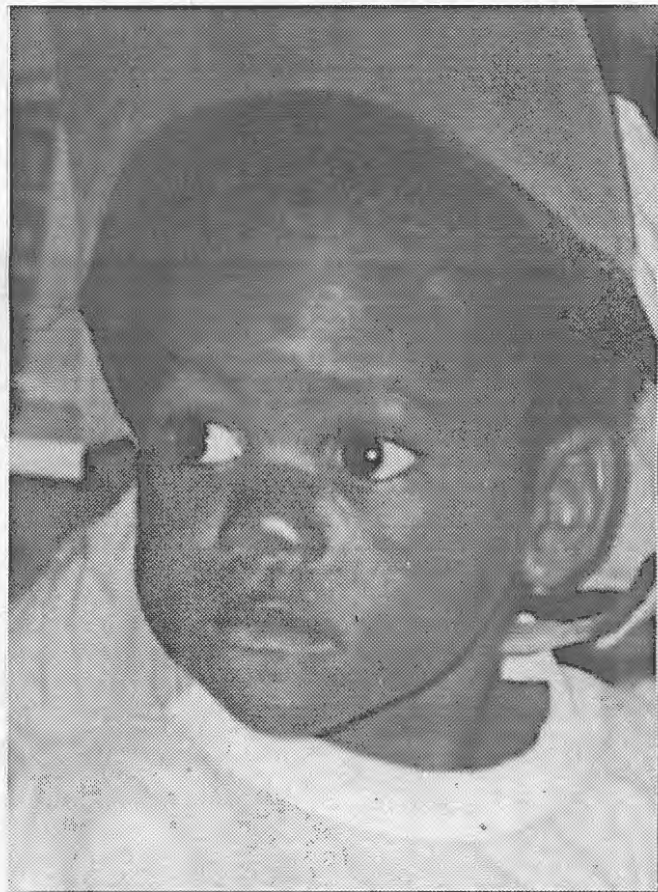
Há anos, quando de uma violação do mealheiro (a primeira de que tivemos conhecimento), fizemos diligências aturadas, que foram até Lisboa à Empresa de Vasco Morgado, no sentido de adquirirmos o busto e retirarmos o mealheiro que, movidos por grande e desinteressada amizade a Pai Américo e à Obra, os senhores Rocha Brito e

Luis Vigoço ali colocaram — já então forçando um pouco o nosso parecer. Mas a sinceridade da intenção estava fora de causa — e não tivemos coragem para recusar.

Estes Amigos partiram, os tempos e o uso daquela sala de espectáculos mudaram — e o nosso parecer de então mais se vincou. Daí as diligências feitas — sem correspondência.

Cumpre-nos, pois, esclarecer que, com destino à Casa do Gaiato, nada deve ser colocado naquele mealheiro; e que o único Depósito da Obra na Baixa portuense continua a ser, desde há quase sessenta anos, o Espelho da Moda, na Rua dos Clérigos, 54.

Padre Carlos



Um fotogénico «Batinha» moçambicano

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DEFICIENTE — O homem com um braço inactivo continua sendo apoiado pela nossa Conferência.

Recentemente, adoeceu a sua mulher — esteio do lar. Por isso, temos suprido as carências fundamentais com a generosidade dos Leitores: pão e renda de casa, que não é pequena!

Que seria desta gente, abandonada...!?

No caso vertente, já aqui referimos, ele foi apresentado por mão vicentina a um departamento oficial que o encaminhou para um serviço de formação, com futuro à sua frente, auferindo um (diminuto) *salário-estímulo*.

Entretanto, a entidade oficial põe agora esta opção ao deficiente, que nos pede ajuda: passar à reforma (mais ou menos 30.000\$00/mês) ou continuar onde está, na qualidade de *contínuo*, recebendo o salário mínimo nacional. Evidentemente, sendo ainda tão jovem, escolheu a segunda modalidade, pois «o trabalho é rei». Fugirá da *pedincha*... e ficará integrado no meio.

PARTILHA — A assinante 20832, da Travessa Monte de S. João — Porto, pessoa com prática, recorta uma folha d'O GAIATO com duas necessidades: «São casos tão aflitivos que nem sei por qual optar (o donativo). Deixo ao vosso critério, pois o meu coração divide-se por ambos». Foi para um doente (a nosso cargo) e para uma família referida pelo nosso Padre Horácio.

Assinante 17478, Carregal do Sul (Ovar): «Atenta à vossa coluna n'O GAIATO, 'Conferência de Paço de Sousa', 2/8/97, envio cheque para colaborar na obra que irá acolher sete pessoas. Em vésperas duma operação cirúrgica difícil, peço orações». A fé é que nos salva!

Cheque, de oito mil, da assinante 9708, de Coimbra: «É uma insignificância para a

necessidade de medicamentos para os Pobres (que serão sempre muitos...). Ficamos desorientados com tantas pessoas sem o estritamente necessário para viverem!» No topo, a missiva cita Teresa de Lisieux. «A alegria habita no mais profundo da alma: podemos possuí-la tanto numa escura prisão como num esplêndido palácio».

Ovar: Cinco mil, do assinante 42971, com as intenções de sempre; e, disse, «não precisam de agradecer». Cumprimos.

Lavradio: Mil, do assinante 38004, que pede desculpa, oh delicadeza!, pela «escrita baralhada, mas estou a chegar às oitenta primaveras...!» — com alma jovem.

Assinante 54233, de Braga, com 23.000\$00 «para a Conferência de Paço de Sousa, pelo trabalho que tem realizado» em benefício dos Pobres.

Um assinante, da Alameda do Cedro, Vila Nova de Gaia, manda um donativo cuja distribuição — acentua — «deixo ao vosso critério». Outro, pede o nosso endereço. Aí vai:

Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — alc do Jornal O GAIATO — 4560 PAÇO DE SOUSA.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O segundo turno regressou de férias e, como era de esperar, trabalharam todos para o bronze. Mas o que é bom não dura sempre! Resta o terceiro turno a gozar férias — em Azurara (Vila do Conde).

SALÃO — O nosso salão de festas está quase pronto, apenas falta reparar as janelas e as portas.

RAPAZES NOVOS — Chegaram à nossa Casa mais dois jovens: o «Frinchas» e o Flávio. Estão a adaptar-se bem ao ambiente.

VISITAS — Temos recebido muitas, durante o Verão.

Obrigado a todos, pelo que nos dão — e pela companhia que nos fazem. Voltem sempre!

DESPORTO — A nossa época futebolística começará em Setembro. Todos os que estiverem interessados em defrontar a nossa equipa de futebol, podem contactar o Daniel, pelo telefone 02-570300; o «Albufeira», pelo telefone 055-752285 ou pelo fax 055-753799. Via postal: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa.

«Albufeira»

Sobre a areia molhada

Sobre a areia molhada
A minha mão escreve
A tua morada
E esboça
Os contornos
Do teu elegante corpo.
Chegam rapazes alegres,
Jogam à bola
E apagam o meu trabalho.

Noutro lado
Volto a escrever
E a esboçar.
Na praia de vozes,
No delírio de conviver,
Chegam crianças aos montes
Com pás e baldes.
Fazem algazarra
E constroem casas
E estradas
Em cima do teu retrato
E da tua morada.

Manuel Amândio

TOJAL

CAMARATAS — As obras terminaram. As camaratas foram equipadas com sofás e armários novos. Agora necessitam, apenas, de uma boa limpeza.

JARDINS — Continuam a dar cor e vida à nossa Casa! E

Os mais pequeninos brincam num barco de pesca



PRAIA DE MIRA

O segundo grupo da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo já está na praia de Mira.

Vivemos ansiosos que chegasse este dia porque te-

mos necessidade de descanso.

Agora, todos contentes porque são férias em ambiente calmo; uns brincam, outros descansam.

Aqui, em Mira, aguardamos sempre, ansiosamente, a hora do banho! Não falta nenhum, nessa altura, do mais pequeno ao mais velho. Todos correm,

pelo areal, direitinhos ao mar. É muito divertido!

Organizámos uma equipa de futebol de praia. Outros, jogam voleibol. Cada um brinca à sua maneira.

Quem dera toda a gente pudesse ter férias...

Domingos («Zaireense»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS —

No dia 30 de Setembro faz treze anos que a nossa Conferência foi reactivada, a convite do nosso Padre Telmo. Alertando e elucidando sobre os objectivos destas reuniões vicentinas, nunca esquecendo o pensamento de Pai Américo, que viveu toda a sua vida dedicada aos Pobres. Também nos foi dizendo que a nossa palavra de conforto a um irmão mais necessitado, era sem dúvida a palavra da Igreja; esta Igreja como pilar fundamental para uma vocação vicentina, fazendo-nos lembrar que foi nos Pobres que Pai Américo encontrou o seu Mundo; Mundo esse

depois de todo o trabalho que tivemos, em anos anteriores, quem não fica satisfeito!?

Agora, basta arrancar uma ervita aqui e outra ali, e regá-los diariamente.

CAMPO — Brevemente será a apanha do tomate e também da abóbora, que darão boas sopas se Deus quiser.

ANIMAIS — O vitelo pequeno continua a crescer.

Temos tantos porcos que tivemos de utilizar outra parte das pocilgas!

OBRAS — As do novo bar terminaram; e, juntamente com o novo bar, surgiu também um grande assador que promete bons assados...

Arnaldo Santos

o de viver em contacto directo com os Pobres.

Aceitámos o seu convite e, até hoje, temos permanecido fiéis ao compromisso, apesar de alguns desentendimentos, o que por vezes é salutar porque faz-nos sentir mais fortes e unidos e sempre com o mesmo objectivo — ajudar aqueles que pedem ajuda.

No dia 1/8/97, tivemos o prazer da sua companhia em nossa reunião porque, como os amigos leitores sabem, o nosso Padre Telmo, neste momento, encontra-se na Casa do Gaiato em Malanje (Angola) e aproveitou a sua vinda a Portugal dando-nos o prazer da sua presença. Como director espiritual, voltou a chamar a atenção para o trabalho e pediu para nunca esquecermos que somos vicentinos e que o nosso trabalho é de muita responsabilidade. Queremos agradecer e nunca nos esqueceremos daquele que alterou o caminho das nossas vidas. Bem hajam os Padres da Obra da Rua.

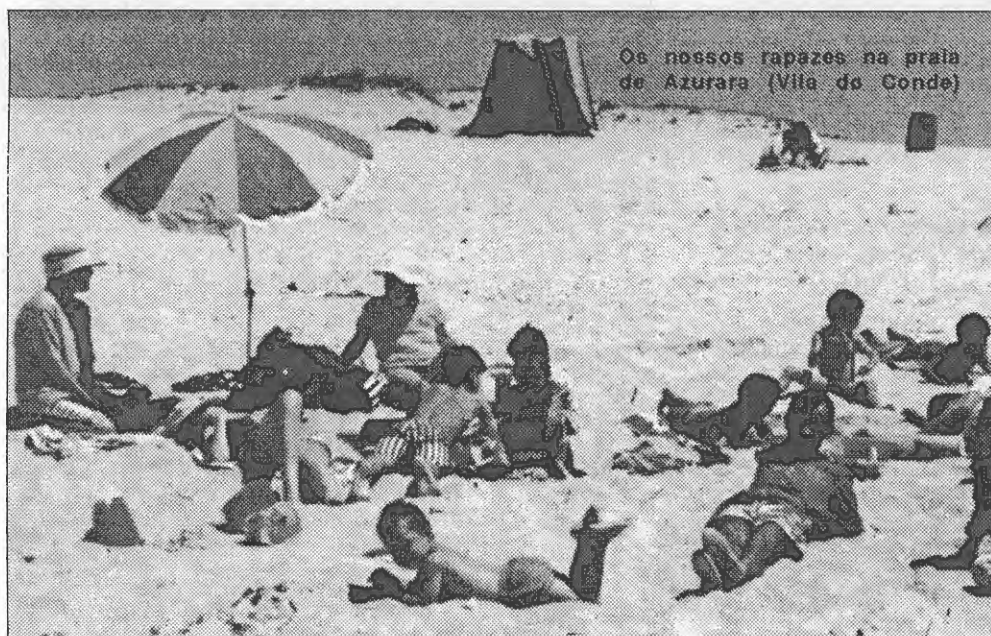
Também queremos agradecer aos leitores que todos estes anos nos têm ajudado com apoio material, mas especialmente moral, porque sem a vossa ajuda não poderíamos socorrer os nossos irmãos.

Temos conhecimento que há duas famílias com problemas graves. Vamos tentar esclarecer melhor os casos e, em próxima oportunidade, daremos mais notícias.

DONATIVOS — Assinante 45872, cheque de 10.000\$; anónimo, de Lourosa, cheque de 25.000\$; Carminda, 7.000\$; assinante 9217, 5.000\$; assinante 19576, cheque de 5.000\$; Amigo, da Alemanha, 100 marcos; Amiga, do Porto, 25.000\$; e Hermínia, 5.000\$.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino



Os nossos rapazes na praia de Azurara (Vila do Conde)

RETALHOS DE VIDA

'Cebolinha'

O meu nome: Tiago Filipe Brandão Duque, mais conhecido por «Cebolinha».

Nasci a 23 de Agosto de 1983, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa.

Com três anos de idade fui para os lados de Viana do Castelo, mal tratado por todos. Era gente que bebia e... não se dava bem.

Um dia, uma assistente social soube do meu desgosto... Perguntou se eu queria vir para a Casa do Gaiato. Disse logo que sim! Até os meus vizinhos!

Gosto muito de estar nesta grande Casa — porque saí da miséria!



Tiago («Cebolinha»)

Continuação da página 1

comunidade florescem sempre grandes manchas humanas e às vezes aguerridas do «não te rales», abafando mesmo os intelectualmente mais dotados.

Ser chefe é ser servidor. Não é ser nem capataz nem patrão nem dono. Ser chefe é, quase sempre, não ser nada. É só ser um escravo da responsabilidade sem nunca perder o sentido elevado da missão assumida.

Durante as férias ensaiamos os novos chefes. A Casa está dividida. Uns na praia e outros no campo em alternância de descanso e trabalho. Torna-se mais fácil distribuir as tarefas e vigiá-las.

O Artur, com dezasseis anos, e no nono de escolaridade, assumiu o comando na Arrábida durante Julho e continua agora em Algeruz. Tem sofrido. O «Pitéu» desobedeceu atirando-lhe à cara brejeirices indecentes. O

PENSAMENTO

Plantai amor, oh homens, se quereis colher amor!

PAI AMÉRICO

Setúbal

«Borrão» voltou-se a ele no refeitório. Alguns mais velhos e mais atrevidos, aproveitando a minha ausência nos peditórios, saíram à noite sem autorização. Ontem, quando entrei no refeitório, já o jantar ia a meio, encontrei tudo em silêncio.

No final o chefe vem sempre pedir licença para dar ordens de levantar os rapazes da mesa para a Acção de Graças.

Baixinho, perguntei a razão do silêncio tão prolongado.

— *Estavam a fazer muito barulho. Pedi moderação e ignoraram quase de repente a minha súplica. Então, mandei calar.*

Admirei-me muito mais quando, de imediato, se dirige à mesa dos maiores e os manda todos para a copa lavar a loiça porque falaram — disse ele, que eu não vi, naturalmente aconteceu antes de eu entrar — arrotaram, gozaram

e fizeram outras coisas que ele afirmou claramente, mas que eu não devo escrever aqui.

Como me alegrei interiormente!... Uma atitude destas acarreta-lhe dissabores. Isola-o. Os maiores mordem e fazem a sua campanha. O rapaz sabe tudo isso, mas não se amedronta. Ergue-se como um gigante com a autoridade do seu posto. Continua Artur!

O último GAIATO — leste-o? — O GAIATO é para se ler sempre — trazia um pensamento de Pai Américo: «*Acredita na força estupenda da Verdade. Vive dela, que convences e vences*». A vitória está na verdade. E Pai Américo continua naquele pensamento: «*Grande coisa é fazer e dizer!*»

Na praia, em Agosto, ficou o Osvaldo. Novo também. Os novos são mais espontâneos, menos calculistas e menos manhosos.

A porta da casa fecha às 23 horas. Depois do jantar os mais velhos podem sair.

«Gatinho» e «Pisca» não apareceram até às 24 h.

Ao outro dia foram recambiados para Algeruz.

Sim. Quem quer a Casa, quer também as suas regras. Com os chefes a cumprir, o novo ano desenha-se menos pesado. Assim eles persistam.

O Osvaldo já foi ameaçado:

— *Deixa lá que se eu for chefe — disse um mais velho — ele há-de aguentá-las. Não somos nenhuns garotos.*

Padre Acílio

BENGUELA

Continuação da página 1

preocupado com os filhos que acompanham as mães que vêm trabalhar. Fico ainda mais preocupado com o futuro dessas crianças. Vejo-as todos os dias e todas as horas. Cada vez me parecem mais a invadir os espaços da nossa Casa. Quem me dera ter alguém que as acompanhasse, parte do dia, nos primeiros anos de vida. Estas crianças não são nossas, mas passam a maior parte do dia conosco, enquanto as mães trabalham. Nesta situação, elas não têm conta. São quase todas a pedir quem as acompanhe e ajude a crescer. É uma seara imensa à espera de trabalhadores.

Quem se não deixa queimar por um desejo grande de ajudar a resolver estes problemas, a começar pelo que for possível, nunca dará um passo em frente. Trata-se duma montanha muito alta. Assusta e desanima quem não estiver apaixonado pela causa destas crianças.

Que fazer? O amor é inventivo. É criador. Estou a escrever estas notas com os olhos postos na realidade que tenho diante de mim. O universo das crianças de Angola não pode ser visto de fora do universo da família. Quando entramos no mundo das que nascem, crescem e vivem, entramos necessariamente no mundo da família. Não me refiro apenas às crianças abandonadas, mas também àquelas que, tendo família, nascem, crescem e vivem muito mal. Como sempre digo, são a maioria.

Que fazer? Não se pode ficar de braços cruzados. Não sei dizer mais. Que esta aflicção me queime e chegue até vós.

Padre Manuel António

PASSOU o tempo em que Moçambique era considerado o país mais pobre do mundo. Os chamados doadores internacionais, ou benfeitores, despejaram sua generosidade para aqui e ao mesmo tempo os seus agenciadores, cuidadosos de que nada se gastasse sem a sua presença, certamente duvidosos de que a esmola fosse bem entregue ou a sementeira caísse em chão duro, mas à mão de recolher. Se um dia se pudesse avaliar o que ficou de tudo isso e em concreto o que trouxe de benefícios duráveis a este povo de Moçambique, seria espanto. Quantos projectos sobressaram sem deixar marcas no terreno! Quanto se evaporou como água de Verão!

Passou o tempo em que Moçambique estava em último

Servir os mais pequeninos

lugar na fila dos pedintes. Agora até se lembram os Pobres «que sempre os tereis convosco». Serviram de cartaz, agora desfigurado e roto, que há-de cair por si mesmo, pela acção do tempo. Agora há riquezas a explorar, cujo destino é traçado, talvez longe daqui, por novos doadores de lições de eficiência, descoberta assegurada que está o atraso deste povo. E começam a surgir os gigantes da economia e do consumo. Sempre o mesmo jogo da moderna democracia.

Falar, nestas circunstâncias, da conclusão da nossa Aldeia e da

inauguração das Escolas parece despropositado, e é uma gota de água, sem importância, na secura desta terra. A escolarização séria de rapazes da rua e de quantos vizinhos caibam dentro delas, é a nossa meta. Ao todo são duzentos, este ano. Mas podemos acrescentar: 100 adultos de curso nocturno na Massaca, cento e cinquenta crianças na primeira-classe, mais 500 na Pré. Nada merece atenção de quem pode, para nos isentar de despesas fiscais, de tudo o que tivemos de importar para concluir a obra. «Não há amparo legal.» Quer

dizer: É um trabalho desamparado perante a Lei.

Se a nossa força viesse desse arrimo, já tínhamos caído, há muito. Como Pai Américo escreveu: «Quem no mundo escolhe a missão deliciosamente amarga de servir os mais pequeninos, aprende na vida deles coisas que o mundo ignora».

Às vezes, nem damos conta. Servir os mais pequeninos, ajudá-los a crescer, fortalecidos para os embates da vida, na rectidão e na justiça, vale mais que tudo.

Padre José Maria

Moçambique

Cartas

Uma dívida que não posso honrar

Deixo uma dívida que não posso honrar: Através do vosso Jornal, Deus tem-me permitido, ao longo dos anos, saborear um conteúdo que me enche a alma e serve de «pedra de toque» em conversas com familiares e amigos.

Assinante 29609

Pequena lembrança

Agradecendo pela Igreja viva que sois, pelo exemplo de Família que dais, pelas palavras do vosso/nosso O GAIATO... aqui juntamos pequena lembrança duma pequena família para sermos da vossa Família...

Assinante 246443

Aprender sempre!

Acabo de ler o vosso Jornal. Como sempre, vale a pena. O artigo «Novos Horizontes» está pleno de verdade e de reais problemas do nosso tempo para os quais urge encontrar novas soluções.

Ler o vosso Jornal é aprender sempre! Não só no plano do conhecimento, mas na arte de sermos mais humanos.

Envio cheque para O GAIATO e para o que acharem conveniente, pois sabem fazer bem a gestão do dinheiro.

Muita força de alma para continuação da Obra da Rua.

Assinante 55634

Força renovadora

Que o Senhor vos dê forças para continuarem esta Obra grandiosa. Porque: alimentar, educar, formar, responsabilizar — não é tarefa fácil! Só com a Força renovadora de Jesus Ressuscitado.

Assinante 57679

TRIBUNA DE COIMBRA

Um belo encontro!

ONTEM, domingo, estive em S. Julião, Figueira da Foz. Ali nos encontramos, anualmente, com uma multidão de Amigos. São os nossos peditórios.

A Eucaristia dominical é o nosso lugar de encontro. Nela, a Palavra de Deus torna-se o primeiro sinal deste nosso encontro e a razão da nossa presença. É por ela que partimos para a iluminação da vida que nos rodeia e daqueles com quem repartimos.

A «insensatez» denunciada pelos Provérbios e o culto da vacuidade, da ostentação, uma e outra geradoras de grandes danos morais e espirituais, também denunciada pelo Apóstolo S. Paulo, ajudaram a orientar a nossa reflexão.

Às várias Assembleias, bem compostas no número e na atenção, deixámos a mensagem divina e as inquietações do nosso dia-a-dia. As Casas do Gaiato são uma enorme bênção de Deus para todos: aqueles que nelas criamos como filhos e aqueles que nelas encontram mais uma razão

para descobrir o rosto de Deus Pai. O sinal é a partilha.

Contudo, não podemos deixar de dizer, com alguma amargura, que elas são também um sinal de que a nossa sociedade continua a gerar grandes desequilíbrios, sendo atingidos os mais indefesos: as crianças, os idosos, os pobres.

Aqui, a cultura da insensatez manifestada subtilmente em tantas campanhas publicitárias, programas televisivos corrosivos, tanta ostentação desmedida em palavras e actos, a confrontar-se nitidamente com um maior testemunho daqueles que se alimentam, na Eucaristia dominical, de Cristo Pão da Vida, na Mesa da Abundância.

Foi um belo encontro! No final aparece sempre muita gente inquieta e satisfeita por poder participar na nossa vida de algum modo. O mais directo concretiza-se na partilha dos bens. A todos prometemos a nossa oração e a nossa amizade. Ao coração de todos também entregamos cada um dos nossos.

Padre João

Crianças «em risco»

CASOS dramáticos de crianças ditas «em risco», mas já mergulhadas nele, chegam todos os dias às nossas Casas (e sabemos que a outras Instituições...) sem hipótese de resposta. A capacidade de remediar está cada vez mais em desproporção com a enxurrada que a libertinagem e a ausência de responsabilidade a vários níveis produzem. As torrentes arrastam primariamente o que de mais frágil encontram no seu correr. Na torrente dos desvários humanos são os pobres, os doentes, os idosos, as crianças, as maiores vítimas. Vivemos num mundo onde a coerência e a Autoridade estirolam; onde a sabedoria do «vale mais prevenir...» não tem

audiência — e daí que o facilitar de remédios é quase provocação dos males.

É assim com as crianças «em risco». O risco vem dos adultos e do ambiente que as cerca — e da impunidade estabelecida como regra. Deixem-se coisas fora do lugar convencional — e aí vem a coima. Seja uma criança — e logo (ou tarde demais...) os serviços procuram arrumá-la. Os culpados da incúria, ou mesmo do abandono — a esses deixam-nos livres como o vento, prontos para repetir as causas, até na área da procriação que quase só nestes estratos sociais faz crescer a estatística da natalidade. (Talvez por isso os técnicos, em vez de pai e mãe, escrevem

progenitores, com uma certa razão..., mas sem continuidade coerente!)

Um dos casos desta semana: Quatro meninos dos dez aos doze anos (os dois mais novos são gémeos) «residem com os progenitores (...) ambos alcoólicos e sem hábitos de trabalho. As crianças são negligenciadas a todos os níveis: passam fome, sendo vulgar encontrá-las à procura de alimentos no lixo; incentivados pelos pais, praticam pequenos furtos (alimentação e vestuário — este dos estendais dos vizinhos). Vivem numa casa sem qualquer infraestrutura nem conforto (...), sujos e rotos; a falta de higiene corporal e habitacional é total. (...) Este agregado vem sendo

apoiado há longos anos por diversos serviços (...) não se verificando melhorias na dinâmica socio-económica familiar».

«Há longos anos, vem sendo apoiado este agregado» (não lhe chamam família) — e só agora se lembram dos meninos! E os pais — se depois de longos anos de apoio não houve «melhorias na dinâmica sócio-familiar», não há que estudar, nos pelouros respectivos, outra espécie de medidas que os obriguem ou, ao menos, neutralizem os efeitos desastrosos do seu comportamento associativo!

Não temos capacidade de resposta para estes quatro irmãozitos — para tentarmos que amanhã eles se não tornem progenitores da mesma igualha dos que os geraram. Mas se tivéssemos?...

Da mesma terra, que é próxima, recebemos, faz dois anos, também quatro

irmãozitos membros de uma fratria de dezassete filhos de duas mães e não se sabe ao certo se do mesmo pai. (Este privilegiava um dos quatro, porque só desse — dizia — tinha a certeza de ser o pai.) Pois, não chegou a um ano, um dia veio aí com uma mulher (os nossos rapazes falaram que era a mãe dos pequenitos — não sei) e levou-os sem qualquer satisfação. Imediatamente prevenimos a Comissão de Protecção que nos tinha pedido o acolhimento dos meninos; e, poucos dias após, tendo sabido onde eles estavam, voltámos com a informação.

Passados meses chegou-nos officio doutra Comarca dando a grande novidade de que os menores estavam em tal terra: «— Que pensávamos...?» O ano escolar já ia adiantado, os lugares deles, que lhos reservámos tempo razoável,

estavam ocupados — que havíamos de pensar...?! Meu Deus, como o trágico se casa com o ridículo, neste mundo onde a coerência e a Autoridade falecem!

Por isso, a respeito dos quatro irmãozinhos de hoje, mesmo que tivéssemos lugar para eles — valeria a pena...?! Na idade em que estão, adaptar-se-iam? Tão próxima que é a terra deles, não fugiriam? Ainda assim seria de tentar. Mas, se aos progenitores lhes desse as saudades e viessem pelos filhos — quem lhes valeria?; e em que tempo útil?, sabido como o tempo conta diferente para uma criança e para um adulto!

Pobres crianças «em risco», mergulhadas nele como estão, num mundo tão parco em defendê-las quão abundante e permissivo na multiplicação dos riscos.

Padre Carlos

DOCTRINA



A batina negra é bênção e maldição

dade da missão, a convicção da Palavra, a verdade dos factos — tudo isto acende tal fogueira no meio dos circunstantes que os corações dilatam-se e não cabem no seu lugar. O alvoroço do Evangelho afirma-se, o valor real do homem aparece e os ouvintes sentem-se pequeninos e batem no peito, de arrependidos.

EU digo. A palavra de ocasião é uma viva e actual recriminação a tudo quanto se apresenta diante dos nossos olhos; de sorte que, dentro da boa hermenêutica, a assistência deveria levantar-se em massa e mandar-me bugiar — mas não. Vejo lágrimas em muitos olhos, mesmo nos pintados; e até, precisamente, porque o são! E à maneira que vou passando, saca na mão, ouço, aqui e ali, um respeitoso «ai bom Padre, tantas carapuças que nos talha!» O dinheiro é a rodos. Ali mesmo, de onde estou, faço distribuir algum por carta ou por mão própria — «bombas incendiárias» para falar à moda dos tempos. Do meio dos que ouviram a Boa Nova, senhores há que se levantam e querem saber se eu demoro: — É que eu gostaria inenso de lhe falar, Padre, em sítio recolhido. — Sim, meu senhor, eu demoro.

VEM agora a minha vez de dar pão: «Pão vivo para a vida do mundo», alimento adequado à natureza celeste de que todos nós somos participantes pela acção do Filho do Homem. «As obras do espírito são a caridade, o gozo, a paz, a paciência, a modéstia, a castidade.» É meu desejo continuar a pedir aos senhores das termas e das praias. Não desejo nem proeuvo grandes receitas e até, por vezes, tenho recusado somas altas para não perder direito à chapa de mendigo. Quero ser pobre para ter ocasião de enriquecer as multidões ricas.

P. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

TENHO ocupado o meu tempo, nesta quadra do ano, em visitas aos aglomerados das termas e das praias a pedir pão para os Humildes; e as almas que me escutam, tais confidências me fazem que eu sinto e colho a certeza de que o meu pedir é dar.

ELE há maneiras infinitas de pedir para obras sociais, no tempo de banhos, à sociedade que os frequenta, vindo na primeira fila *american suppers, dancing teas e garden parties*, pelo chiquismo do nome e pelo muito que dali se espera. É uma roda viva onde tudo desata a comer e a folgar a bem do Pobre, lamentavelmente. Os jornais do dia relatam. As figuras da comissão são estampadas. O mundo comenta. O Pobre revolta-se. E os festeiros, porque abriram as portas aos sentidos, retiraram-se da festa com a boca a saber a fundo de gaiola, saturados, aborrecidos de tanto gozar — come-se do que se semeia. «As obras da carne são a luxúria, a desonestidade, a embriaguez, as comesainas e outras semelhantes.» Eu apareço. A tal festa de *caridade* foi ontem, é amanhã ou vai ser agora mesmo, como já sucedeu em certo lugar onde cheguei — mas não foi!

NADA me tira a vez; ninguém ocupa o meu lugar. Trata-se de um Padre que vai pedir. Um pai a pedir pão para os filhos foi sempre, em todos os lugares, coisa muitíssimo séria. Padre quer dizer Pai e os Desgraçados são os seus filhos, pela natureza do sacerdócio. Esta verdade, simples e crua, assombra, cala. A força do sacramento da Ordem, a sinceri-



Património dos Pobres

Contraste desanimador

SEMPRE que tenho de passar naquela Vila, e são muitas vezes, terra bastante procurada por veraneantes e turistas, nacionais e estrangeiros, fica-me no coração e na alma a imagem de um contraste desanimador: o problema da habitação dos mais pobres, dali naturais, que se sentem abandonados.

Casas de muitos pisos. Algumas, luxuosas, com algum espanto; e muitas delas desabitadas à mistura com barracas ocupadas por famílias numerosas com filhos pequenos. Ficamos com a impressão de que não fazem parte da mesma sociedade humana. E, em terras cristãs, como devem ser estas onde a grande maioria dos seus habitantes são baptizados, deixa-nos uma imagem escandalosa do nosso cristianismo.

Este problema, embora frequente em muitas cidades, vilas e aldeias, tem de ser encarado de frente. Seja pelos governantes nacionais, seja pelos autarcas locais. Dá-nos a impressão de que estamos a deixar correr e cada vez se avoluma mais. Outros virão...

Temos conhecimento que a Câmara Municipal, a que pertence esta Vila, tem dotado todas as povoações do concelho com campos de jogos, recintos festivos, ajardinados, embelezados, e outros melhoramentos. Os seus autarcas deliberaram, há muito, um plano de ajuda à reconstrução de casas degradadas, e a venda de terrenos baldios para a construção de novas habitações. Mas o plano continua plano. Ainda não avançou! Preocupa-nos ver passar o tempo. E só vê-lo passar é perdê-lo. E o tempo que Deus nos dá não é para perder.

Padre Horácio